



*José Cardoso Pires*

# É CAFÉ DES ARTISTES

**É**ramos jovens e aquilo, sim, tinha o desmazelo de um “café des artistes” fora das coordenadas culturais da Lisboa do fim da guerra mundial. Café Herminius, chamava-se ele. Resumia-se a uma porta estreita e a uma vitrina aberta para a Avenida Almirante Reis, algumas mesas povoadas de reformados a jogar o dominó, jovens desempregados a pensarem o fumo do cigarro e contrabandis-

**Nada do que foi esse obscuro café da Almirante Reis figura hoje na nossa memória cultural. No entanto foi de lá que partiram alguns dos nossos artistas plásticos mais significativos. E por mais divergentes que se declarassem as suas trajectórias no fundo de cada uma delas estará sempre um café ignorado, onde os marginais da cidade viviam lado a lado com artistas que se queriam marginalizados da regra e do gosto oficiais.**

tas menores a negociarem tudo e coisa nenhuma numa dialéctica carregada de subentendidos. Havia pequenos chulos que chegavam ao fim da tarde para congeminares, lá entre eles, sábias surtidas às galdérias e que à hora das corujas partiam, Avenida abaixo, com faro vivo para o que saltasse ao caminho.

Praticantes de artes secretas, os “gigolots” do Café Herminius saíam ao pôr do Sol das tocas do Alto Pina e da Barão de Sabrosa e faziam a sua primeira estação no Largo do Chile,

à porta da Adega dos Perus, para ver passar as desprevenidas. Imperadores do Chile, assim é que eles eram conhecidos na nomenclatura de entre Arroios e Almirante Reis — e, na verdade, passeavam-se como tal. Inspirados nos figurinos dos “gangsters” de série C, gravata petulante, olhares desdenhosos, vagueavam pelo bairro até ao anoitecer e depois iam à vida. À falta de melhor, contentavam-se com as sobras das desenganadas dos bailes das Manas Pretas, das academias recreativas ou dos tristes bares do Intendente. No dia seguinte, era sabido, reuniam-se no Herminius. Trocavam cautelas de penhor, contavam casos e parlamentavam sobre a arte de nortear as raparigas da má-vida, com vistas a garantirem-lhes protecção e administração do cabedal.

Alheio a estes artistas da noite, aos contrabandistas de cabala e aos virtuosos do dominó, havia naquele café um grupo de jovens artistas que se interrogavam, em mesa à parte, sobre os destinos da geração a que pertenciam e as expressões com que podiam descrevê-la. Tinham vindo quase todos da Escola António Arroio — Pomar, Vespeira, Cesariny, Fernando Azevedo — e participavam da rebelião estudantil contra a ditadura do Estado Novo. Na música apontavam Fernando Lopes Graça como referência maior e juntavam-se à volta dele nas actividades da Academia dos Amadores de Música; no Teatro acompanhavam o Grupo de Manuela Porto onde Maria Barroso recitava José Gomes Ferreira e os poetas do Novo Cancioneiro.

Para os jovens do Café Herminius o tema era, pois, o neo-realismo: Portinari e Rivera com versos de Aragon e Éluard, “sur les arènes sanglantes j'écris ton nom: Liberté!”. No entanto, havia sinais de inconformidade a

percorrê-los, o realismo socialista e a arte panfletária já nessa altura os ameaçavam como negações do seu projecto.

Pontualmente, a meio da tarde, entrava por ali dentro uma manicura enorme, envolvida num tilintar de colares e de pulseiras. Cabeleira oxigenada, ancas majestosas, toda ela vinha embandeirada num sorriso de vermelho chamejante que atravessava a sala como um brado de luxúria.

“Dona Sol”, chamava-lhe o Vespeira, e todos nós a recebíamos com um Olé! e cantorávamos compassos de “passo-doble” logo que a víamos entrar em cena.

Nada do que foi esse obscuro café da Almirante Reis figura hoje na nossa memória cultural (Mário Cesariny faz-lhe uma referência de passagem num álbum publicado pela Secretaria da Cultura, e é tudo). No entanto foi de lá que partiram alguns dos nossos artistas plásticos mais significativos para a descoberta dos seus caminhos. Desse convívio inicial até ao Surrealismo a que aderiu uma parte do grupo vai um espaço de breves anos, mas por mais divergentes que se declarassem as trajectórias desses homens no fundo de cada uma delas, muito ao fundo, estará sempre um café ignorado, onde os marginais da cidade viviam lado a lado com artistas que, por si mesmos, se queriam marginalizados da regra e do gosto oficiais.

(Hoje, o Café Herminius está transformado em agência funerária — quer-se maior ironia? Às vezes, quando passo por lá, é como se veja na vitrina o rosto da Dona Sol, rodeado de coroas funerárias e todo iluminado por um sorriso de ternura.) ●